

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

MOVIMENTO HIGIENISTA: CONSTRUÇÃO DA FIGURA FEMININA

POLIANA MOREIRA SILVA

UBERLÂNDIA
2017

POLIANA MOREIRA SILVA

MOVIMENTO HIGIENISTA: CONSTRUÇÃO DA FIGURA FEMININA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Área de concentração: Ciências da Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dra. Carla Denari Giuliani

UBERLÂNDIA

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586m Silva, Poliana Moreira, 1984
2017 Movimento higienista [recurso eletrônico] : construção da figura feminina / Poliana Moreira Silva. - 2017.

Orientadora: Carla Denari Giuliani.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde.

Modo de acesso: Internet.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.818>

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Ciências médicas. 2. Mulheres - Aspectos sociais. 3. Feminismo - Brasil - História. 4. Imprensa - Aspectos sociais. I. Giuliani, Carla Denari, 1973, (Orient.) II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde. III. Título.

CDU: 61

FOLHA DE APROVAÇÃO

Poliana Moreira Silva

MOVIMENTO HIGIENISTA: CONSTRUÇÃO DA FIGURA FEMININA

Presidente da banca (orientadora): Profa. Dra. Carla Denari Giuliani

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Área de concentração: Ciências da Saúde.

Banca Examinadora

Titular: Profa. Dra. Cláudia de Azevedo Aguiar

Instituição: Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

Titular: Profa. Dra. Marcelle Aparecida de Barros Junqueira

Instituição: Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

DEDICATÓRIA

*A meus pais Leila e Wanderli, a minha
irmã Adriana, ao meu marido Juliano e
ao meu filho Luís Felipe.*

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força, fé e coragem para superar todas as dificuldades.

A Prof.^a Dra. Carla Denari Giuliani pela orientação, apoio e confiança.

A minha mãe Leila pela ajuda e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e de cansaço.

Ao meu pai Wanderli e a minha irmã Adriana que torceram e acreditaram em mim.

Ao meu marido Juliano que esteve ao meu lado nos momentos mais difíceis e que não me deixou desistir quando o desespero e a desesperança se faziam presentes, além do carinho, da paciência e da compreensão dedicados a mim.

E a todos que participaram e contribuíram de alguma maneira para a realização deste trabalho, meu sincero agradecimento.

“Que os vossos esforços desafiem as
impossibilidades, lembrai-vos de que
as grandes coisas do homem foram
conquistadas do que parecia
impossível”.

Charles Chaplin

RESUMO

Introdução: o papel atribuído às mulheres vem sendo construído desde a Grécia antiga. E temos no Movimento Higienista que surgiu no Brasil no fim do século XIX e início do XX, a reafirmação de conceitos relacionados ao papel atribuído às mulheres. **Objetivos:** compreender e analisar como as revistas femininas e os Manuais de Saúde foram influenciados pelo Movimento Higienista e como esse influenciou na formulação de regras, normas e condutas para as mulheres viverem e se comportarem em sociedade. **Material e métodos:** estudo qualitativo, descritivo, documental e de caráter retrospectivo, realizado por meio da leitura das revistas “O Cruzeiro” e “Jornal das Moças” da década de 50 e de Manuais de Saúde dos anos 60. Os periódicos utilizados na pesquisa foram consultados via Web (Hemeroteca Digital Brasileira), por meio de arquivos digitalizados. Os volumes das duas revistas foram selecionados de forma aleatória, por meio de um sorteio simples, em que foram escolhidos cinco volumes de cada uma das revistas de acordo com cada ano da década de 50. Já os Manuais de Saúde, são documentos de domínio público que foram confeccionados nas disciplinas de Ciências por alunas que fizeram o curso Magistério. Posteriormente a leitura das fontes pesquisadas, analisou-se os textos e as imagens utilizando a análise de conteúdo. **Resultados:** as revistas femininas dos anos 50 eram fontes de informação importante para as mulheres brasileiras. Revelavam transformações e permanências nos costumes, nas relações familiares, nas normas sociais e regras de comportamento, nos papéis atribuídos a homens e às mulheres. Os Manuais de Saúde apesar de terem sido confeccionados por alunas retratam praticamente os mesmos temas das revistas pesquisadas. Assim, notá-se a influencia do Movimento Higienista nas fontes pesquisadas. **Conclusão:** as revistas femininas e os Manuais de Saúde utilizados na pesquisa serviram como guias de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel idealizado ou esperado da mulher na sociedade. O Movimento Higienista no Brasil contribuiu para formulação de regras, normas e condutas para as mulheres viverem e se comportarem em sociedade, assim como para a construção do modelo feminino por grande influencia das revistas femininas e dos Manuais de Saúde.

Palavras-chave: mulheres, feminismo, imprensa, revistas eletrônicas.

Abstract

Introduction: the role attributed to women has been built since ancient Greece. And we have in the Hygienist Movement that emerged in Brazil in the late nineteenth and early twentieth centuries, the reaffirmation of concepts related to the role attributed to women. **Objectives:** To understand and analyze how women's magazines and Health Manuals were influenced by the Hygienist Movement and how it influenced the formulation of rules, norms and behaviors for women to live and behave in society. **Material and methods:** a qualitative, descriptive, documentary and retrospective study was performed through the reading of "O Cruzeiro" and "Jornal das Moças" magazines of the 1950s and of the Health Manuals of the 1960s. The journals used in the research were consulted via Web (Brazilian Digital Hemeroteca). The volumes of the journals were randomly selected through a simple lottery, in which five volumes of each of the journals were chosen according to each year of the 50s. The Health Manuals, however, are domain documents which were made in the school subject of Science by students who did the Magisterium course. After reading the sources searched, the texts and the images were analyzed using the content analysis. **Results:** women's magazines from the 1950s were important sources of information for Brazilian women. They revealed transformations and permanences in customs, family relations, social norms and rules of behavior, images and roles attributed to men and women. The Health Manuals, although they were made by students, show practically the same themes as the researched journals. Thus, we note the influence of the Hygienist Movement in the researched sources. **Conclusion:** Women's magazines and Health Manuals used in research served as guides to social, family and religious behavior, reinforcing the idealized or expected role of women in society. The Hygienist Movement in Brazil contributed to the formulation of rules, norms and behaviors for women to live and behave in society, as well as for the construction of the female model by great influence of women's magazines and Health Manuals.

Keywords: women, feminism, press, electronic magazines.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Capa da revista “Jornal das Moças”.....	18
Figura 2. Vestidos femininos.....	18
Figura 3. Roupas infantis.....	18
Figura 4. Conselho às mães.....	19
Figura 5. Piada – incapacidade de raciocínio das mulheres.....	20
Figura 6. Piada – mulheres super vaidosas e consumistas.....	20
Figura 7. Capa da revista “O Cruzeiro”.....	21
Figura 8. Respostas às cartas das leitoras.....	22
Figura 9. Conselhos.....	22
Figura 10. Sanduíche para Quaresma.....	23
Figura 11. Sugestão para breakfast.....	23
Figura 12. Filhos.....	29
Figura 13. Técnica da Amamentação.....	30

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 MOVIMENTO HIGIENISTA NO BRASIL.....	12
3 MOVIMENTO FEMINISTA.....	15
4 REVISTAS FEMININAS: “JORNAL DAS MOÇAS” E O “CRUZEIRO”.....	17
5 MANUAIS DE SAÚDE.....	28
6 CONCLUSÃO.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

A escolha do tema desta pesquisa foi algo que emergiu de maneira natural, considerando que me surgiram inquietações sobre o papel secundário que as mulheres ocupavam na sociedade. Estereótipos seguidos e/ou estabelecidos diferentemente por homens e mulheres, discursos reproduzidos no universo doméstico e fora dele e que demonstrava o lugar destinado às mulheres: a casa, o cuidado com os filhos e o marido ou que “isso ou aquilo não era coisa de mulher ou para mulher”, são ações que (re)produziam e “legitimavam” a subordinação feminina.

Durante muito tempo, a mulher foi representada na sociedade como um sexo frágil, submisso e com um único papel – a reprodução. Desde a Grécia antiga, grandes filósofos como Aristóteles, já sustentavam essa ideia de submissão da mulher e da superioridade do homem. A partir da institucionalização da família, da propriedade privada e do acúmulo de bens, a sociedade vai ser caracterizada pelo modelo patriarcal e o papel “doméstico” da mulher será cada vez mais afirmado (MENDES; VAZ; CARVALHO, 2015).

Segundo Colling (2015), o primeiro discurso a ser usado para a designação dos papéis sexuais e sociais é o grego. Platão, Hipócrates e Aristóteles, defendiam a superioridade masculina em detrimento da feminina em relação à saúde (as mulheres são fracas e doentes), à intelectualidade (os homens são mais inteligentes do que as mulheres), ao corpo (disposição dos órgãos sexuais), entre outros aspectos. Este é um discurso simbólico que desempenha a função de justificar a supremacia do homem.

O discurso religioso que mostra o mito de criação com a expulsão de Adão e Eva do paraíso (simbologia retratada no Velho Testamento) ainda é utilizado para designar papéis e posições de gênero e criar representações femininas. Além disso, tem-se o discurso médico que faz uma descrição anatômica dos órgãos sexuais femininos e os representa como o inverso dos masculinos, atribuindo ao útero, o órgão que dá a identidade à mulher e que explica as características de uma fisiologia e de uma psicologia vulneráveis. Essa sujeição da mulher ao seu sexo transforma-se em submissão necessária ao homem (COLLING, 2015).

Com isso, percebe-se que o papel atribuído às mulheres vem sendo construído desde a Grécia antiga.

Tem-se no Movimento Higienista ou Sanitarista, que surgiu no Brasil no fim do século XIX e início do XX, a reafirmação de conceitos relacionados ao papel atribuído às mulheres.

O Movimento surgiu como uma nova mentalidade, que se propunha a cuidar da população, educando e ensinando novos hábitos (GÓIS JUNIOR, 2002).

Neste contexto, a técnica de higienização foi instaurada. Desta forma, a medicina social ganhava espaço e através da política higiênica, as mulheres assumiram a função de educadoras dos filhos e cuidadoras da casa e dos maridos (COSTA, 2004).

A pesquisa se justifica pelos seguintes aspectos: falta de estudos relacionados ao tema, ampliação dos horizontes para a compreensão do feminino dentro da sociedade, desconstrução de pré-conceitos, mitos e lendas sobre o papel da mulher na sociedade e entendimento das relações de gênero.

Percebe-se com este estudo que é possível não apenas compreender os significados que as mulheres têm de si mesmas, mas, como os conceitos são passados de geração em geração e quanto o Movimento Higienista reforça dentro dos Manuais de Saúde e das revistas destinadas às mulheres, o seu papel de submissão e superioridade do homem.

Na tentativa de buscar justificativas sobre os papéis atribuídos às mulheres, utilizam-se como fontes de pesquisa, as revistas “Jornal das Moças” e “O Cruzeiro” da década de 50 e os Manuais de Saúde dos anos 60.

Para a construção deste trabalho foi realizado um estudo qualitativo, descritivo, documental e de caráter retrospectivo, por meio da leitura das revistas e dos Manuais de Saúde.

Os periódicos utilizados na pesquisa foram consultados via Web (Hemeroteca Digital Brasileira), por meio de arquivos digitalizados.

Os volumes das revistas foram selecionados para pesquisa de forma aleatória, por meio de um sorteio simples, em que foram escolhidos cinco volumes de cada uma das revistas de acordo com cada ano da década de 50. Por exemplo, em 1950 foram escolhidos cinco volumes de cada periódico, como em 1951, 1952 e

assim por diante até 1959. Totalizaram-se cem volumes lidos das duas revistas pesquisadas.

Foi efetuada a escolha dos periódicos “Jornal das Moças” e “O Cruzeiro”, pelo fato de serem voltadas ao público feminino, por serem de publicação nacional e de grande tiragem, além de estarem em seus auge na década de 50 como veículos de comunicação.

Já os Manuais de Saúde, são documentos de domínio público que foram confeccionados nas disciplinas de Puericultura ou de Ciências, por alunas que fizeram o curso Magistério/Normal.

Posteriormente à leitura das fontes pesquisadas, analisou-se os textos e as imagens, por meio da leitura de artigos científicos, livros, monografias e dissertações, comparando este aspecto com a realidade dos dias atuais.

Utilizou-se da análise de conteúdo que é um método muito usado na análise de dados qualitativos, compreendida como um conjunto de técnicas de pesquisa cujo objetivo é a busca do sentido ou dos sentidos de um documento (CAMPOS, 2004).

Assim, o objetivo do presente estudo é compreender e analisar como as revistas femininas e os Manuais de Saúde foram influenciados pelo Movimento Higienista quando se refere à figura feminina e ao seu papel na sociedade. Ademais, busca-se refletir como este Movimento influenciou na formulação de regras, normas e condutas para as mulheres viverem e se comportarem em sociedade.

2. MOVIMENTO HIGIENISTA NO BRASIL

Durante o século XIX, principalmente a partir da criação das faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e na Bahia, cresce a consciência sobre a insalubridade das cidades, o controle das doenças e a necessidade de organização pública de um sistema de atenção à saúde (COSTA; SANTOS; GÓIS JUNIOR, 2014).

Mas a Reforma Sanitária apenas teve início após a coroa portuguesa se interessar pelo ouro existente no Brasil. Assim, a urbanização e o povoamento, até então negligenciados pela coroa, tornaram-se obrigatoriamente foco do poder real.

Este progresso fez-se através do Movimento Higienista, que incorporou a cidade e a população ao campo do saber médico (COSTA, 2004).

Os médicos pontuavam como fatores desfavoráveis que explicavam a falta de saúde dos brasileiros: as desigualdades econômicas, as precárias condições habitacionais, o alcoolismo, a má alimentação, a falta de exposição à luz solar e o corpo fraco por falta de exercício físico. Deste modo, os médicos destacavam o papel da ciência, da sociedade civil e do Estado na higienização dos corpos, inculcando concepções, valores e hábitos que tinham um papel significativo na construção e na ordenação da racionalidade social (SOARES, 2004).

Assim, no fim do século XIX e início do XX surgia, no Brasil, uma nova mentalidade que se propunha a cuidar da população, educando e ensinando novos hábitos. Convencionou-se chamá-la de “Movimento Higienista ou Sanitarista” (GÓIS JUNIOR, 2002).

Os médicos prescreveram novos hábitos sobre todas as condições que pudessem afetar de algum modo, a saúde, ou seja, todas as atividades humanas - trabalho, escola, moradia, asseio corporal, moralidade (GÓIS JUNIOR, 2002).

Neste contexto da higienização, as mulheres foram levadas a assumirem o papel de educadoras dos filhos e cuidadora da casa e dos maridos.

A mulher foi então considerada como uma importante colaboradora na luta por uma sociedade melhor (MANSANERA; SILVA, 2000).

Para reforçar as atividades de educação higiênica destinadas à formação de hábitos, a criança, a mãe e a professora seriam alvos das políticas públicas. A criança passou a ser um indivíduo capaz de absorver conhecimentos, portanto, um cidadão que poderia ser moldado de acordo com as normas propostas. A preocupação em educar a criança levou, por extensão, à família, particularmente à mãe, ressaltando-se a importância do ensino da puericultura às moças que seriam as futuras genitoras, como também do preparo educativo daquelas que eram mães (SANTOS, 2012).

Segundo Mansanera e Silva (2000), da mulher era cobrada uma atuação "patriótica". Era alvo de campanhas que pediam sua colaboração contra os males que se alastravam pelo país. Dela era exigida a obrigação de gerar e educar cidadãos robustos e inteligentes. Através de artigos, de propaganda na imprensa e

conferências, os higienistas pretendiam conscientizar a “mulher brasileira” para que ela se empenhasse na “profilaxia social”.

As ideias higienistas foram aos poucos fazendo parte do íntimo das mulheres, assim, a elas foram impostas funções, atribuições e papéis dentro da sociedade.

Consideravam a mulher uma peça central no combate aos males sociais, e ao alcoolismo, em especial. Como o álcool conduzia às penitenciárias ou aos manicômios, ela jamais deveria querer isso para os seus. A “mulher-mãe”, com seu carinho e afetividade, iria educar os filhos contra as degenerações sociais, a “mulher-professora” complementaria a educação recebida em casa sobre os perigos dos vícios, a “mulher-noiva”, pela sua paixão, conseguiria estancar o mau comportamento do noivo causado pelas más companhias, a “mulher-esposa”, pelo seu amor e carinho, conseguiria muito do seu marido, evitando que o mesmo caísse no vício do álcool. A mulher, enfim, deveria ser uma aliada dos progressos higienistas (MANSANERA; SILVA, 2000).

Além do surgimento dos especialistas para cuidar das gestantes e das crianças (pediatras, ginecologistas e obstetras), era crescente o mercado de laticínios e produtos farmacêuticos dirigidos às mães e às crianças. Muitos esforços foram dedicados à assistência e educação das mesmas, com a finalidade de combater as doenças e construir padrões de comportamento. Os agentes envolvidos na higienização da sociedade, tendo em vista sua reformulação, compreenderam a importância da educação feminina, em virtude do seu papel na família. Contudo, não foi esquecida a importante função que as enfermeiras desempenhariam, pois tinham contato direto com as famílias no seu cotidiano, podendo atuar na consolidação dos hábitos (SANTOS, 2012).

As famílias, até o momento, eram vistas pelos higienistas como incapazes de proteger a vida de crianças e de adultos. Valendo-se dos altos índices de mortalidade infantil e das precárias condições de saúde dos adultos, o Movimento Higienista conseguiu impor a elas uma educação física, moral, intelectual e sexual, tendo como principal figura normalizadora a mulher, mãe e “rainha do lar” (COSTA, 2004).

O Estado aliado à medicina constrói um novo personagem higiênico, cuja existência social era, até então, quase desconhecida. A esse personagem higiênico

restava somente o direito à infância e uma passagem direta, sem escalas, para vida adulta, pois o papel social dela, desde muito cedo, era o de ser mãe, esposa e educadora de um lar e de uma família (ARIÈS; DUBY, 2009).

O Movimento Sanitário juntamente com as políticas públicas, dão visibilidade ao mundo feminino, através da posição atribuída à mulher frente à maternidade e à família, colocando-a como principal atriz das mudanças sociais ocorridas nessa época (REIS; ZIONI, 1993).

Assim, percebe-se que o Movimento Higienista ocorrido no Brasil, utilizou-se da figura feminina para o seu avanço, impondo às mulheres deveres e responsabilidades através das políticas higiênicas.

3. MOVIMENTO FEMINISTA

O movimento feminista nasceu das lutas coletivas das mulheres contra o sexismo, contra as condições de aversão e inferiorização do feminino, transformadas em práticas rotineiras de subordinação das mulheres (BRASIL, 2010).

O feminismo é um movimento moderno, que surge no século XIX, a partir do contexto das ideias iluministas (1680-1780), com a Revolução Francesa (1789-1799) e Americana (1775-1781), reivindicando direitos sociais e políticos, com maior ênfase para a luta sufragista (o movimento pelo sufrágio feminino é um movimento social, político e econômico de reforma, com o objetivo de estender o sufrágio - o direito de votar às mulheres), através da mobilização de mulheres de vários países (OLIVEIRA; CASSAB, 2014).

Um marco histórico do movimento feminista foi o protesto que ficou conhecido como a queima dos sutiãs, do qual as mulheres ativistas americanas pretendiam colocar fogo em objetos como sutiãs, maquiagens, espartilhos e outros que impunham a indução de uma ditadura da beleza, durante o concurso de Miss American. Entretanto, tal queima dos sutiãs não ocorreu literalmente, pois o local do concurso era um espaço privado, assim, foram impedidas de realizarem tal ato. Porém, com a ajuda da mídia, a atitude destas mulheres teve uma repercussão em nível mundial, que trouxe consigo uma grande reflexão da questão de gênero (CAVALCANTI, 2008 apud PEDRO; GUEDES, 2010).

Segundo Oliveira e Cassab (2014), no espaço latino-americano, o movimento feminista se constitui por influências de mulheres que atuaram em movimentos guerrilheiros, participantes do movimento estudantil, partidos políticos progressistas, organizações acadêmicas, políticas e por mulheres que foram obrigadas a exilar-se de seu país.

No século XX, o feminismo aparece no Brasil, apresentando-se com novos desafios e propostas, com a união de mulheres de diversas classes sociais. O caráter militante se sobressai neste momento, pois, questionava a política, a educação e a dominação do homem na sociedade, além da sexualidade e divórcio (OLIVEIRA; CASSAB, 2014).

Além do movimento feminista, a partir da década de 1960 surge a pílula anticoncepcional que permite à mulher escolher a maternidade ou não, como também vai aos poucos proporcionando maior possibilidade para que ela decida ter uma vida profissional fora do lar (PILLA, 2015).

Porém, apesar do Movimento Feminista e da criação da pílula anticoncepcional na década de 60, nota-se que as ideias do Movimento Higienista em relação aos papéis atribuídos às mulheres como mães, esposas, cuidadoras do lar ainda persiste no imaginário de muitas mulheres.

De acordo com Pedro e Guedes (2010), apesar das grandes conquistas femininas no último século, ainda há muito que fazer para que se acabe com a submissão feminina. É fundamental que o Estado invista cada vez mais nas Políticas Públicas voltadas para mulheres e que o protagonismo do movimento feminista amplie a presença das mulheres na cena pública, na luta pela garantia de direitos conquistados e ampliação de novos direitos.

Trata-se, entretanto, de um movimento que não se consolida à revelia da construção do conceito de gênero, uma conquista das mulheres, mas sim na consolidação das mulheres enquanto sujeitos sociais e protagonistas de sua história (PEDRO; GUEDES, 2010).

4. REVISTAS FEMININAS: “JORNAL DAS MOÇAS” E “O CRUZEIRO

Mesmo assumindo cada vez mais um papel importante, devido ao acelerado crescimento urbano, os jornais não atingiam circulação nacional. Na década de 1950 começou a aparecer nas bancas de jornal, um grande número de publicações dedicadas ao consumo em grande escala, entre elas, várias histórias em quadrinhos, revistas especializadas em rádio, TV e cinema, além de outras direcionadas, especialmente, para o público feminino (RODRIGUES, 2010).

As revistas femininas dos anos de 1950 eram fontes de informação importante para as mulheres brasileiras, principalmente as de classe média urbana. Revelavam-se em tais meios de comunicação, transformações e permanências nos costumes, nas relações familiares, nas normas sociais e regras de comportamento, nas imagens e nos papéis atribuídos aos homens e às mulheres. Estes meios de comunicação eram capazes de formar gostos, opiniões, padrões de consumo e de conduta. Ademais, serviam de companheiras de lazer para suas leitoras fiéis, mas, também como guias de ação e conselheiras persuasivas (PINSKY, 2014).

As revistas supracitadas abordavam temas como moda, beleza, comportamento da mulher, maternidade, namoros, casamentos, receitas e dicas para ser uma “boa mãe” e uma “boa esposa”, além de propagandas de eletrodomésticos, de móveis, de produtos de higiene e de beleza.

De acordo com os temas abordados nos periódicos, nota-se que os mesmos eram ditadores de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel esperado da sociedade com relação ao que as mulheres deveriam seguir.

O “Jornal das Moças” circulou de 1914 até os anos 60, a publicação era semanal, no Rio de Janeiro, tendo tiragem nacional incluindo capitais e algumas cidades do interior de vários estados do país, tais como Acre, Amazonas, Alagoas, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, entre outros. Foi essencialmente dirigida ao público feminino brasileiro, principalmente às moças das classes alta e média brasileira (ALMEIDA, 2006).

Tal periódico ocupou o primeiro lugar na imprensa feminina em 1945 e o primeiro lugar entre as revistas femininas semanais durante a década de 50 (PINSKY, 2014).

Figura 1. Capa da revista “Jornal das Moças”



Fonte: <https://forademim.com.br/2012/01/o-lugar-de-mulher-e-no-lar-o-trabalho-fora-de-casa-masculiniza> (1956)

As publicações eram divididas em seções, nas quais cada uma abordava temas ou assuntos específicos.

“O Jornal da Mulher”, direcionado às boas esposas ou às recém-casadas que cuidavam do lar: traziam bordados (panos de prato, toalhas de mesa, de banho e de rosto, jogos de cama), figurinos de moda e moldes de roupas para mulheres e crianças. Apresentavam modelos norte-americanos, franceses, italianos e brasileiros, em sua grande parte vestidos.

Figura 2. Vestidos femininos



Fonte: Revista Jornal das Moças 27/12/1951
nº 1906

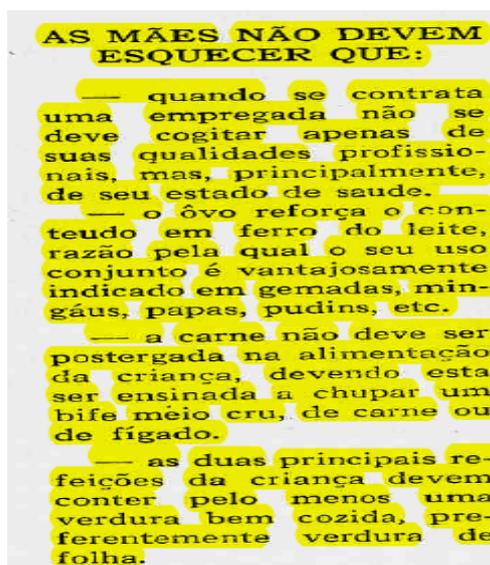
Figura 3. Roupas infantis



Fonte: Revista Jornal das Moças 28/01/1954
nº 02015

“O Evangelho das Mães” (“sagrada missão da maternidade”) abordava principalmente o cuidado com os filhos: banho, alimentação, sono, entre outros.

Figura 4. Conselho às mães



Fonte: Revista Jornal das Moças 05/01/1950 nº 01803

A seção “Falando às mães” possuía conselhos médicos do Dr. Werther Leite Ribeiro que traziam dicas, informações e curiosidades como “vômitos nos lactentes – como evitá-los” e “alimentação aos 18 meses” (Revista Jornal das Moças, 1951).

Havia também a “Galeria dos Artistas da Tela” com várias fotos e reportagens (pensamentos e opiniões dos artistas de Hollywood) e “Galeria dos Artistas de Rádio” (brasileiros).

Várias páginas da revista eram dedicadas à culinária, decoração da casa (panos de prato com os dias da semana, móveis, cortinas), organização do lar, dicas de beleza sobre maquiagem, cabelo e cuidados especiais com o corpo.

Havia também muitas propagandas: produtos para maquiagem (pó de arroz e batom), cremes para manchas na pele em geral e para sardas, xampus e tintura para cabelos, sabonetes, pasta e escova de dente, perfumes, bolsas femininas, remédios (para dor de cabeça, para matar piolhos e antiácidos), talco, pomadas para assaduras e sabonete para bebês, alimentos (margarina e maisena) e cursos de corte e costura.

Além disso, o periódico trazia contos, histórias e romances nos quais em geral se reforçavam “a moral e os bons costumes”.

Outra seção da revista era “Troças e traços” que continham várias piadas sobre as mulheres. Em muitas delas as mulheres eram tidas como fúteis, super

vaidosas, consumistas, pouco inteligentes, assim, retratadas de forma pejorativa, contrária à superioridade e à racionalidade masculina.

Nos exemplos a seguir, percebe-se que as piadas reforçam o preconceito sobre a incapacidade do raciocínio lógico, o hábito consumista e a futilidade das mulheres. Infelizmente, muitas das piadas presentes na revista “Jornal das Moças” (década de 50), ainda fazem parte do nosso cotidiano e continuam a ser engraçadas para muitos.

Figura 5. Piada – incapacidade de raciocínio das mulheres



Fonte: Revista Jornal das Moças (1841)
28/09/1950

Figura 6. Piada – mulheres super vaidosas e consumistas



Fonte: Revista Jornal das Moças (1906)
27/12/1951

Além das seções mencionadas, são encontradas nas páginas das revistas conselhos dados às mulheres, como por exemplo: “não se deve irritar o homem com ciúmes e dúvidas” (Jornal das Moças, 1957), “a mulher deve fazer o marido descansar nas horas vagas, nada de incomodá-lo com serviços domésticos”, (Jornal das Moças, 1959), “a esposa deve vestir-se depois de casada com a mesma elegância de solteira, pois é preciso lembrar-se de que a caça já foi feita, mas é preciso mantê-la bem presa” (Jornal das Moças, 1955), “se o seu marido fuma, não arrume briga pelo simples fato de cair cinzas no tapete, tenha cinzeiros espalhados por toda casa” (Jornal das Moças, 1957) e “é fundamental manter sempre a aparência impecável diante do marido” (Jornal da Moças, 1957).

Já a revista “O Cruzeiro” foi fundada por Carlos Malheiro Dias, no Rio de Janeiro. De publicação semanal, circulou dos anos 1928 a 1975, tendo sua primeira

edição publicada em 10 de novembro de 1928 pelos Diários Associados de Assis Chateaubriand. O periódico desapareceu em julho de 1975, vítima da falta de gestão e da concorrência de revistas mais profissionalizadas como “Manchete” e “Fatos e Fotos” (MAGALHÃES; BOJUNGA, 2014).

Destacava-se como um dos meios de comunicação mais importantes da década de 50, presente nos lares de classe média urbana e lida por toda a família, de circulação nacional. Em 1945 a tiragem da revista chegou a 80 mil exemplares, em 1954, com o suicídio de Getúlio Vargas, sua venda mais que dobrou, alcançando a marca de 720 mil exemplares vendidos (número recorde). Com impressão em quatro cores, destaque para ilustrações e circulação em todas as capitais e em algumas das principais cidades do país, “O Cruzeiro” inovou desde o começo. Ao alcançar localidades muito além do eixo Rio-São Paulo, tornou-se um veículo da integração nacional (MAGALHÃES; BOJUNGA, 2014).

Figura 7. Capa da revista “O Cruzeiro”



Fonte: <http://wp.clicrbs.com.br/memoria/2014/08/29/martha-rocha-miss-brasil-1954-visita-caxias-do-sul/?topo=52> (1951)

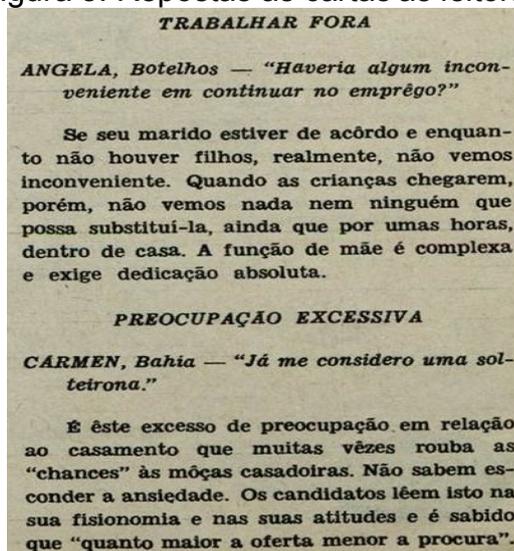
Ao contrário da revista “Jornal das Moças”, “O Cruzeiro” publicava temas como política, economia, cultura, arte, religião, história do Brasil, esporte, enfim,

trazia questões de interesse geral. Além disso, também haviam textos e matérias destinadas às mulheres.

Suas páginas, normalmente, eram divididas nos seguintes títulos: artigos, reportagens, seções, humorismo, conto e romances, cinema, figurinos e assuntos femininos ou para a mulher. Este último título era subdividido em: “Da Mulher para a Mulher”, “Elegância e Beleza” e “Lar, Doce Lar”.

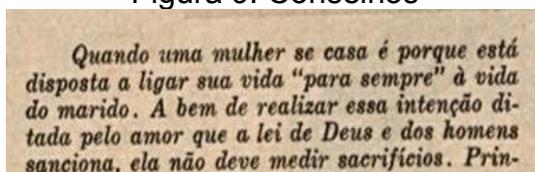
“Da Mulher para a Mulher” trazia conselhos e respostas às cartas de leitoras e leitores dados por Maria Teresa, no qual grande parte dos assuntos abordados eram casamentos, namoros, traições e “assuntos do coração”.

Figura 8. Repostas às cartas as leitoras



Fonte: Revista O Cruzeiro (edição 0008) 05/12/1959

Figura 9. Conselhos



Fonte: Revista O Cruzeiro (edição 0004) 10/11/56

Já a seção “Elegância e Beleza”, dedicava suas páginas à moda, dicas e conselhos de beleza (cuidados com os pés e como disfarçar as cicatrizes), figurinos e chapéus femininos, dietas, entre outros temas.

“Lar, Doce Lar” continha várias receitas: sanduíches, panquecas, salgadinhos, patês, molhos, bolos, doces, carnes, entre outras, reportagens de decoração e

organização da casa, artigos sobre como fazer festinhas de crianças, dentre outros assuntos.

Figura 10. Sanduíche para Quaresma



Fonte: Revista O Cruzeiro (edição 0021)
05/03/55

Figura 11. Sugestão para breakfast



Fonte: Revista O Cruzeiro (edição 0004)
10/11/56

Além disso, várias páginas do periódico eram dedicadas às propagandas de eletrodomésticos (como refrigerador, aspirador de pó, ventilador, liquidificador, ferro elétrico e enceradeira), utensílios domésticos (como panela), produtos de higiene e perfumaria (como, por exemplo, sabonete, perfume, colônia, talco, desodorante, pasta de dente), cosméticos (como cremes anti-rugas, para sardas, para cabelos, para limpeza da pele, para o corpo), maquiagem (como batom e pó de arroz), roupas femininas (como vestidos), alimentos (como leite em pó) e medicações para crianças, além de produtos de limpeza (como sabão em pó).

Por fim, dentro do título Humorismo, havia também o subtítulo “As Garotas – Alceu Penna e A. Ladino” representadas por ilustrações de mulheres jovens que davam dicas de moda e sobre assuntos como paqueras, cozinha e passeios. O humor presente nessa seção frequentemente era voltado para piadas que desvalorizavam e ridicularizavam as mulheres.

De acordo com o exposto, percebe-se que as revistas, “Jornal das Moças” e “O Cruzeiro”, publicam e tratam os temas relacionados às mulheres de forma semelhante. Abordam praticamente do mesmo modo, os mesmos assuntos, de modo geral são eles: consumismo, maternidade, casamento, organização do lar, moda, beleza, conselhos e piadas/ humor.

Para Heine (2015), as revistas femininas da década de 50, não eram apenas veículos de informação e sim de ideologias, sendo usadas na educação das mulheres. Analisando os temas nelas abordadas, nota-se um posicionamento

ideológico que constituiu uma noção de feminilidade: o mundo feminino girava em torno dos temas considerados “adequados” para as mulheres. Com isso, os periódicos transmitiam a ideologia dominante sobre o que era “ser mulher”, colocando-as num lugar diferente dos homens.

A representação feminina nessa década se baseava sobre a ideia de mulher como “rainha do lar”. Assim, a ideologia da mulher como essencialmente afeita ao lar, ao casamento e à maternidade era amplamente difundida nas revistas, em contraposição às representações masculinas, uma vez que os homens eram considerados como “chefes de família”, provedores, cabendo a eles o trabalho fora de casa e o sustento familiar (HEINE, 2015).

Logo, na década de 1950, era forte a perspectiva de que as mulheres deveriam estar “preparadas” para a administração de um “novo lar”. Isso se dava, tanto no nível de uma educação escolar, quanto em uma educação informalmente disseminada pelas tradições orais e, também, a partir da imprensa feminina, aqui em especial, revistas. Nessa época, o mundo de grande parte do feminino estava repleto de orientações que abrangiam os trabalhos de agulha, bordado, costura e música, bem como, conhecimentos de temas relacionados à cozinha, manutenção da roupa, cuidados com a limpeza da casa e higiene (PILLA, 2015).

Essa representação feminina tem origem no Movimento Higienista ou Sanitarista, no qual a mulher foi considerada peça chave para o desenvolvimento das ideias higienistas.

Dessa maneira, compreende-se que os textos e as imagens dispostos nas revistas femininas pesquisadas são influenciados pelo Movimento Higienista, trazendo em suas páginas normas e regras de comportamento às mulheres, gerando preconceitos contra elas, definindo os papéis e atribuições dos homens e das mulheres na sociedade, reforçando as relações familiares tendo a figura feminina como “rainha do lar”, conforme previamente dito, e as mudanças e permanências nos costumes.

As seções das revistas pautavam-se pela moral tradicional em que as distinções de gênero delegavam aos homens autoridade e poder sobre as mulheres. O feminino era definido por características tais como doçura, pureza, resignação, instinto materno, dependência, vocação prioritária para o casamento e os trabalhos

domésticos. Ao masculino eram relacionadas características tais como iniciativa, participação no mercado de trabalho, autoridade e poder (BASSANEZI; URSINI, 1995).

O feminino nas revistas aparece reduzido à sua expressão mais simples e simplória: consumidoras, fazendo funcionar poderosos setores industriais ligados às suas características “naturais”: domesticidade (eletrodomésticos, produtos de limpeza, móveis), sedução (moda, cosméticos, o mercado do sexo, do romance, do amor) e reprodução (produtos para maternidade/crianças, da vestimenta/alimentação aos brinquedos) (SWAIN, 2001).

As revistas incentivavam o consumo, pois várias propagandas (imagens e textos) falavam sobre moda, sobre compra de eletrodomésticos para o lar, conselhos de beleza, produtos para bebês, tudo que estivesse ligado à compra de algum produto. Os anúncios giravam em torno da esfera doméstica: eletrodomésticos, utensílios domésticos, produtos de higiene e perfumaria, cosméticos, maquiagem, roupas femininas, alimentos e medicações para crianças, além de produtos de limpeza.

Para Kobayashi e Hochman (2015), os anúncios representaram a celebração de novos hábitos de higiene e de consumo que deveriam ser buscados pela sociedade brasileira, um processo no qual a publicidade desempenhou um papel central de difusão e oferta desta nova maneira, moderna e saudável de se viver. Para que a compra e o consumo se efetivassem, os anúncios comunicavam questões para além da funcionalidade objetiva dos produtos: comprava-se um aspirador de pó para que se mantivesse a casa livre da sujeira e das doenças e o sabonete garantiria proteção higiênica e eliminação dos maus odores do corpo. A publicidade buscava persuadir as consumidoras de que essas aquisições representariam um investimento na vida pessoal, na manutenção da saúde e no bem-estar da família. O consumo foi apresentado como uma via de acesso a uma nova maneira de viver, mais prática, mais higiênica, menos braçal, mais mecanizada e mais racional.

No contexto de higienização, a família passou a ter um novo significado.

Um novo modelo materno foi construído para as mulheres burguesas e aceito por elas, que atendiam aos conselhos médicos sem hesitar, tornando-se mães

devotadas, que se sacrificam pelos filhos, passando a amá-los de uma maneira intensa, o que é designado por muitos como instinto materno (BADINTER, 1985 apud LEMOS; VASCO, 2012).

Nas seções “O Evangelho das Mães” e “Falando às mães” do “Jornal das Moças”, percebe-se que a revista trata a maternidade como uma função social da mulher. Como se a maternidade fosse algo inato, inerente a todas as mulheres, quase uma obrigação social. Mostra-se a maternidade como uma missão sagrada.

Dentre todas as funções sociais exercidas pela mulher, a maternidade é pontuadamente a que adquiriu maior valor social (GRANT, 2001).

Em relação ao casamento, esses periódicos mostram claramente as atribuições dos maridos e das esposas. O homem é visto como “chefe da casa” e deve sustentá-la economicamente, enquanto que a mulher deve se ocupar com os afazeres domésticos e com os cuidados com os familiares (PINSKY, 2014).

É como se a felicidade conjugal dependesse das atividades e cuidados da mulher dentro do lar. Uma esposa que não cuidasse bem do lar, do marido e dos filhos, possivelmente, não teria um casamento feliz. Além disso, ela deveria se preocupar com a beleza.

A valorização da beleza feminina é um dos temas abordados nos periódicos. A utilização de fotos e figuras de mulheres bonitas eram constantes nas páginas e capas, mostrando que as mulheres deveriam se preocupar e cuidar da aparência.

As revistas ensinavam que a boa aparência da esposa é um atributo essencial para a felicidade conjugal, pois mantém a atenção do marido e evita o risco de perdê-lo.

Em algumas páginas, estavam presentes conselhos destinados às mulheres. Os conselhos dados pelas revistas eram marcados por valores morais que favoreciam as experiências sexuais masculinas, enquanto procuravam restringir e controlar a sexualidade feminina, classificando os comportamentos em certos e errados, aceitáveis e inadmissíveis e as garotas em “moças de família” e “levianas” (ou “de programa”). Às “moças de família”, a moral dominante garantia o respeito social e as possibilidades de um casamento nos moldes tradicionais que as “elevava” à condição de “rainha do lar” (BASSANEZI; URSINI, 1995).

Além disso, os conselhos baseavam-se em como se tornar uma mulher: modo de se vestir, de agir no meio dos homens, de se comportar em ambientes públicos e, até mesmo, de andar. Com isso, os conselhos que falavam sobre o comportamento, vida doméstica, maternidade, dentre outros, eram seguidos à risca por aquelas que queriam ser bem vistas socialmente (HEINE, 2015).

Ao se tratar de saúde e nutrição da família são as mulheres que costumam ser as responsáveis pelo bem-estar dos demais membros do grupo. Os registros culinários brasileiros ao longo dos séculos XIX e XX foram dirigidos e/ou elaborados quase que exclusivamente por mulheres. Nesse período, eles circularam entre os espaços privados tidos como femininos criando identidades entre mães, filhas, netas, sobrinhas, criadas, agregadas e afilhadas (PILLA, 2015).

Em relação às piadas, o humor presente nas revistas da época passava mensagens de que as mulheres eram fúteis, escravas da moda, extrema e ridiculamente vaidosas (especialmente com relação à idade). Além disso, mostravam que as mulheres tinham como características a competitividade e as agressões verbais mútuas, principalmente, devido à inveja ou disputa pelas atenções masculinas, que eram fofoqueiras incorrigíveis ou falavam demais, que as solteiras buscavam desesperadamente o casamento, dentre outros assuntos (BASSANEZI; URSINI, 1995).

Nota-se que, infelizmente, muitas das piadas mencionadas nestas revistas, ainda estão presentes nos dias atuais sendo propagadas e tidas como engraçadas.

Enfim, os textos e as imagens abordados nas revistas “Jornal das Moças” e “O Cruzeiro” são retrato do Movimento Higienista, pois seus conteúdos se enquadram na normalização e padronização da sociedade trazida pelo Movimento. Assim, apesar de todas as mudanças e transformações ocorridas na sociedade brasileira, em especial, ao que se refere às mulheres, até os dias atuais como hábitos, costumes, regras, normas de comportamento, ainda fazem parte do nosso cotidiano.

5. Manuais de Saúde

Os Manuais de Saúde eram confeccionados nas disciplinas de Puericultura ou Ciências do curso Magistério ou Normal. As mulheres, quando faziam o curso, o famoso “espera marido”, aprendiam as disciplinas próprias para serem professoras do chamado ensino primário, além de português, matemática, ciências, inglês, história, geografia, dentre outras matérias. Além disso, faziam disciplinas que futuramente as ajudariam no domínio da casa, das crianças e do marido. Assim, o canto, a costura, o bordado, a puericultura, a declamação, os trabalhos manuais e outras atividades, eram matérias fundamentais para aquelas que seriam boas esposas, mães e donas de casa. Por que não dizer que se transformariam em “rainhas do lar”?

A educação feminina formal, por exemplo, por meio do ensino público, passou a ser apontada como um meio de criar condições para regenerar a sociedade. Mesmo que sua visão em relação à mulher fosse ainda muito conservadora, suas funções sociais como mãe e esposa passaram a ser mais valorizadas. Inclusive, os médicos higienistas possuíam um discurso que reconheciam a importância da família e sua influência na construção da sociedade. Por isso mesmo, era preciso instruí-las de forma a terem condições de desempenharem bem as funções que a sociedade esperava delas. Seja qual fosse a corrente de pensamento, concordava-se em frisar as características definidoras de feminilidade: “esposa, mãe e dona de casa” (PILLA, 2015).

De acordo com esses manuais, os tópicos frequentemente abordados se referem ao namoro, noivado, casamento, gestação/maternidade e educação dos filhos.

Eles trazem, por exemplo, a diferença entre um namoro cristão e um namoro inconveniente, a importância do noivado, do enxoval da noiva e do exame pré-nupcial, a maternidade como algo sagrado – “sagrada missão da mulher”, a importância da consulta médica, os cuidados com a gestação (alimentação, higiene e repouso da futura mamãe) e com os filhos (banho, amamentação, roupas). Apresentam em suas páginas várias imagens e fotografias de casamentos religiosos, bebês, crianças, famílias sorridentes (formadas por pai, mãe e filhos).

A responsabilidade pela criação da nova família formada por pai, mãe e filhos, coube à "Higiene, entendida como parte da ciência médica que nos dá os preceitos e as regras necessárias, tanto à aquisição como à conservação da saúde e se referem a exercícios, banhos, sonos, paixões [...], enfim, ensina a evitar coisas nocivas e a fazer bom uso das coisas úteis" (COSTA, 1979).

Figura 12. Filhos



Fonte: Manual de Saúde (1960)

Percebe-se que os Manuais de Saúde apesar de terem sido confeccionados por alunas, retratam praticamente os mesmos temas das revistas pesquisadas, com ênfase nos relacionamentos afetivos (namoro, noivado e casamento) e na maternidade. Assim, neles também nota-se a influência do Movimento Higienista, em especial, ao que se refere à formação da família e à amamentação.

São várias as imagens e textos relacionados ao aleitamento materno encontrados nos Manuais de Saúde (vantagens do leite materno, técnicas da amamentação, ama de leite).

Figura 13. Técnica da Amamentação



Fonte: Manual de Saúde (1960)

Segundo Tourinho (2006), o Movimento Higienista designa o pensamento dos médicos e especialistas do século XIX no Brasil que teve a maternidade e o aleitamento como principais focos de atuação. Até o século XVIII, as mulheres se negavam a amamentar os seus filhos por variados motivos: era um ato despuerado, perderiam a beleza fundamental à existência, não era digno, remetia a uma imagem animalizada, entre outros motivos.

Já sob a influência do Movimento Higienista, a amamentação se transformou em prova de amor materno, tornou-se parte de um padrão de comportamento valorizado, mas também uma forma de regulação da vida da mulher através da mobilização do sentimento culpa. Pelo Movimento Sanitarista chegou-se a comparar as mulheres que não amamentavam às feras, o amor materno se distanciou um pouco, mas não muito do caráter biológico e passou a se configurar como um dever moral para com a sociedade. Um dever para com a educação de seus filhos, do qual a mãe não poderia se furtar visto ser a única capaz de exercer tal papel (TOURINHO, 2006).

Isso é visto até hoje, pois várias campanhas são realizadas com o intuito da valorização do aleitamento materno como algo que reflete o amor da mãe pelo filho.

Além disso, encontram-se nos Manuais, imagens e textos que referenciam os papéis atribuídos às mulheres na sociedade: preocupação com a saúde, asseio e cuidados com o corpo, em especial na gestação, como se comportar durante o namoro e o noivado, atributos femininos, dentre outros aspectos.

Abaixo, apresenta-se um trecho retirado de um Manual de Saúde “Ser feminina é ser gentil, carinhosa, educada, amável, tranquila, dócil e com um jeitinho muito especial, muito delicado, se mostrar frágil e incapaz de usar a violência. Deixando transbordar em seus olhos a ternura de um ser feminino”.

Estas eram características atribuídas às ditas “boas moças”.

Os ideais de "boa moça" propagados na sociedade, ensinados nas escolas, reproduzidos nas famílias, presentes nas expectativas sociais - eram de "moças de família". Sonhavam com o casamento, preservavam as aparências, eram donzelas e cristãs, respeitavam os mais velhos, mas valorizavam muito a juventude (especialmente a aparência física e as possibilidades de diversão nessa fase da vida) (BASSANEZ; URSINI, 1995).

Assim como as revistas pesquisadas, os Manuais de Saúde, também tiveram raízes no Movimento Higienista e se tornaram guias a serem seguidos por muitas mulheres que cursaram o magistério.

6. CONCLUSÃO

Apesar de todas as transformações históricas ocorridas no século XX, o preparo da comida, a manutenção e organização da casa, as tarefas domésticas, o cuidado e a educação dos filhos, ainda é um papel considerado “naturalmente” feminino em muitos dos lares brasileiros.

Esse estudo fez uma análise entre duas revistas femininas da década de 50 (“Jornal das Moças” e “O Cruzeiro”) e Manuais de Saúde dos anos 60, notou-se permanências em relação ao papel da mulher na sociedade atual.

Evidencia-se nos dias atuais, a conservação de conceitos e aspectos referentes às mulheres como, por exemplo: o papel feminino no lar (a mulher como cuidadora da casa, dos filhos, do marido), a valorização da beleza e da aparência feminina, a infidelidade masculina como característica do homem, piadas que retratam de forma pejorativa as mulheres e até hoje são consideradas engraçadas (não sabem dirigir, são fofoqueiras, são incapazes de exercerem raciocínios lógicos, dentre outros aspectos), a superioridade masculina em relação à inteligência, dentre outros exemplos.

Enfim, são vários fatos que ainda permanecem no íntimo das pessoas que acabam por gerar preconceitos contra as mulheres.

A representação da mulher nas fontes pesquisadas contribuiu para reproduzir estereótipos associados à imagem feminina, deixando claro que, apesar das várias conquistas femininas nas últimas décadas, a consolidação efetiva da imagem de uma nova mulher ainda não foi plenamente alcançada.

Assim, percebe-se que as revistas femininas e os Manuais de Saúde utilizados na pesquisa, serviram como guias de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel idealizado ou esperado da mulher na sociedade.

Portanto, entende-se que o Movimento Higienista no Brasil contribuiu para a construção do modelo feminino no decorrer da década de 50 e 60 por grande influência das revistas femininas e dos Manuais de Saúde. Ele contribuiu para formulação de regras, normas e condutas para as mulheres viverem e se comportarem em sociedade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nukácia M. A. de. **Revistas femininas e educação da mulher: o Jornal das Moças**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2006. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss14_06.pdf. Acesso em: 4 jun. 2017.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, 2009.

BASSANEZI, Carla; URSINI, Lesley Bombonato. O cruzeiro e as garotas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p. 243-260, 1995.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. MELO, Hildete Pereira de; BANDEIRA, Lourdes. **Tempos e Memórias: Movimento Feminista no Brasil**. Brasília/DF: SPM, 2010. 68 p.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília (DF), v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out. 2004.
<https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>

CAVALCANTI, Edi. "**A Queima dos Sutiãs**"- a fogueira que não aconteceu. Disponível em: (<http://anos60.wordpress.com/2008/04/07/aqueima-dos-sutias-a-fogueira-que-nao-aconteceu>). Acesso em: 7 jul. 2017.

COLLING, Ana Maria. A construção histórica do corpo feminino. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 1981-3082, jul./dez. 2015.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2004. 282 p.

COSTA, Luciene Henrique da; SANTOS, Marysol de Souza; GÓIS JUNIOR, E. O discurso médico e a Educação Física nas escolas (Brasil, século XIX). **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 273-282, abr./jun. 2014.
<https://doi.org/10.1590/1807-55092014000200273>

GRANT, Walkiria Helena. A Maternidade, o Trabalho e a Mulher. In: **COLÓQUIO DO LEPSI IP/FE-USP**. 2002. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032001000300008&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 12 jun.2017.

GÓIS JUNIOR, Edivaldo. "Movimento Higienista" na história da vida privada no Brasil: do homogêneo ao heterogêneo. **Rev. Cient., UNINOVE**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.47-52, 2002.

HEINE, Palmira. Corpo e discursivização da mulher na revista jornal das moças da década de 50. **Revista Eletrônica de Estudos do Discurso e do Corpo**, Vitória da Conquista, v. 8, n. 2, p.62-67, 2015.

KOBAYASHI, Elizabete; HOCHMAN, Gilberto. O "CC" e a patologização do natural: higiene, publicidade e modernização no Brasil do pós-Segunda Guerra Mundial. In: **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.23, n.1, p. 67-89, jan./jun. 2015.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; VASCO, Daniele dos Santos. Alguns percursos históricos entre o higienismo e a medicalização na atenção à infância e às famílias. **Revista do Difere**, v. 2, n.4, p.1-20, dez.2012.

MAGALHÃES, Aline Montenegro; BOJUNGA, Claudia Barroso Roquete-Pinto. Segredos da história do Brasil revelados por Gustavo Barroso na revista O Cruzeiro (1948-1960). **Revista Estudos Históricas**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 54, p. 345-364, jul./dez.2014.

MANSANERA, Adriano Rodrigues; SILVA, Lúcia Cecília da. A influência das ideias

higienistas no desenvolvimento da psicologia no Brasil. **Psicol. Estud.**, Maringá, v. 5, n. 1, p.115-137, 2000.

MENDES, Raiana Siqueira; VAZ, Bruna Josefa de Oliveira; CARVALHO, Amasa Ferreira. O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher. **Revista Gênero e Direito**, Paraíba, v. 4, n. 3, p.88-99, 2015.

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de; CASSAB, Latif Antônia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. In: Londrina. **Anais do II Simpósio Gênero e Políticas Públicas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2014.

PEDRO, Claudia Bragança; GUEDES, Olegna de Souza. As conquistas do movimento feminista como expressão do protagonismo social. In: **Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, p.1-10, jun. 2010.

PILLA, Maria Cecília Barreto Amorim. Fontes para história da alimentação e patrimônio alimentar: a coluna "Vamos preparar os quitutes", no Jornal das Moças, nos anos 1950. **Demetra: alimentação, nutrição & saúde**, v.10, n. 3, p. 623-635, 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos Anos Dourados**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014. 396 p.

REIS, Alberto Olavo Advincula; ZIONI, Fabiola. O lugar do feminino na construção do conceito de adolescência. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 27, n. 6, p. 472-477, dez.1993.
<https://doi.org/10.1590/S0034-89101993000600010>

RODRIGUES, Marly. **O Brasil na década de 1950**. 3. ed. São Paulo: Memórias, 2010.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. O Plano de Educação Higiênica de Belisário Penna: 1900-1930. **Dynamis**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p.45-68, nov. 2012.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação física, raízes européias e Brasil**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2004.

SWAIN, Tânia Navarro. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas "femininas". **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p. 11-44, 2001.

TOURINHO, Julia Gama. A mãe perfeita: idealização e realidade - algumas reflexões sobre a maternidade. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, v.3, n. 5, p.1-33, 2006.